

MÚSICA
17 SETEMBRO 2016

Andrea dos Guimarães

Desvelo

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Sáb 17 de setembro
21h30 - Grande Auditório
Duração: 1h · M6

Voz e piano

Andrea dos Guimarães

Andrea dos Guimarães nasceu em Tupaciguara, no Estado de Minas Gerais e está radicada em São Paulo desde 1977.

Começou a estudar piano clássico em pequena com a sua mãe Vera Lúcia, professora de piano, que em casa ensinava muitas crianças. O pai, Alcino Nunes, foi a primeira inspiração de Andrea no canto.

É Bacharel em Música Popular e Mestre em Música pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora de música no Conservatório de Tatuí, na Escola de Música do Estado de São Paulo Tom Jobim e na Universidade Federal de São Carlos.

Entre 2007 e 2013 fez parte do Garimpo Quarteto, banda de música improvisada. Integra o Trio Conversa Ribeira que se dedica à música caipira,

a do centro-sul do Brasil, principalmente do interior do Estados de São Paulo e Minas Gerais. Piano clássico, música improvisada, música tradicional, ensino e investigação musicais, tudo isto concorre para moldar a personalidade artística de Andrea. “Amadureci meu canto no Conversa Ribeira, experimentei minhas primeiras composições no Garimpo Quarteto e tornei-me uma observadora bem mais consciente quando virei professora” (in *Gazeta de Alagoas*).

Em 2015, em São Paulo, lança o seu primeiro e, até agora, único disco que gravou sozinha, *Desvelo*, que está na base do concerto desta noite.

“Foi a maneira que encontrei de me mostrar como artista a solo. Sempre trabalhei com grupos e essa vontade

de cantar e me acompanhar apenas ao piano terminou prevalecendo. Ao integrar o canto e o instrumento consigo expressar melhor o que quero dizer”.

Desvelo é um trabalho que levou tempo a concretizar-se. Desde 1998 que foi sendo construído, arranjo a arranjo. O que bem se compreende, porque Andrea dos Guimarães escolheu um caminho difícil: mantendo uma grande coesão e consistência, dar nova vida a canções muito conhecidas da música popular brasileira (de Ivan Lins, Tom Jobim, Chico Buarque, Edu Lobo, Milton Nascimento, Dorival Caymmi), entrelaçando-as com canções mais antigas ou menos conhecidas (de Ataulfo Alves, Tião Carreiro, Luis Antônio), composições dela própria em vocalizes e mesmo uma de Björk.

“Fazer um disco sozinha é um desafio gigantesco. Não há opiniões para dividir, ponderar. Tudo depende única e exclusivamente de você e exige muita dedicação. Sem dúvida a experiência foi muito intensa”, disse à *Gazeta de Alagoas*.

“Desvelo também significa ‘tirar o véu’, revelar cada música à minha maneira, sem analisar seus valores, sem julgamentos, apenas uma forma cuidadosa de encará-las. O disco foi produzido através do sistema *crowdfunding* (financiamento coletivo) do site Catarse e anda na contramão dos tempos atuais. Não há correria, nem alegrias superficiais. É um convite para acessar o interior de cada uma, despertar uma expressividade que sempre senti nessas letras”.

Gravou o disco em estúdio tocando e cantando ao mesmo tempo (muitas vezes nas gravações separa-se a parte

instrumental da parte cantada que, depois de trabalhadas, são juntas, o que permite um resultado mais controlado). Cada música tem uma história para estar ali. Um exemplo, dado pela artista: “*Retrato em branco e preto* é um arranjo que iniciei em 1998, durante uma aula de piano. Toda a melodia que canto está dividida ritmicamente sobre o piano, não me possibilitando muita liberdade para interpretar e provocando, portanto, uma relação mais intensa com a canção”. Noutra ocasião acrescentou: “Se resolvo improvisar, posso derrubar o que estou executando em questão de segundos”.

À *Gazeta de Alagoas* contou ainda, sobre as suas próprias composições: “Sempre arranjei muito e compus pouco. O curioso é que, apesar de eu ser cantora, as primeiras ideias que surgem são sempre para a melodia e a harmonia, raramente vem uma letra junto. Ou seja, grande parte das minhas músicas são instrumentais, por isso as faço com vocalizes”.

Ainda à mesma publicação: “Comecei a escrever arranjos para eu tocar e cantar em 1998. Acho essencial para o músico a ampliação de suas referências estéticas, através da curiosidade, da pesquisa e de uma escuta atenta e cuidadosa. Todas essas que gravei fazem parte desta minha eterna busca para conhecer as muitas possibilidades sonoras que a música nos proporciona”.

Como citamos acima, ela preveniu: está em contramão com o nosso tempo.

A música que faz é de um grande despojamento, de uma aparente simplicidade, sem cedência ao que

poderiam ser efeitos fáceis ou dramáticos, sem acentuar as características mais frequentes que a interpretação das canções escolhidas costuma atrair, mas que, escutada com abertura, de coração limpo, nos revela novos sons ou conjunções de sons, uma ligação ao mesmo tempo simples e complexa entre a voz e o piano.

Não se espere que o que canta seja parecido com o que conhecemos. É bem possível que haja alguma reação de estranheza, porque estamos habituados a ouvir algumas das canções interpretadas de uma forma bem diferente. À medida que nos deixarmos ir pelo seu canto, pelo seu piano, vamos descobrindo quão bonito e quão original é o que nos oferece.

Coincidindo com o consumir do trabalho que deu origem ao disco, Andrea cortou rente os seus cabelos. Era um desejo antigo, mas até aí não tinha tido a coragem. “Já queria isso há muito tempo. A correria possibilitou uma grande mudança de energia, um movimento. Acho que também coincidiu com um período onde estava exercitando um pouco o *desapego*” (*Gazeta de Alagoas*). Esse cortar o cabelo, julgamos, pode ser tomado como metáfora da sua música: tirar o acessório, ir direito ao essencial, despojar, mostrar o que quer dizer sem enfeites.

Aquiles Reis, membro do quarteto MPB4 (banda fundada no anos 1960, quando eram todos jovens, durante muito tempo ligada a Chico Buarque) escreveu que “a música de Andrea dos Guimarães é como uma canção soando dentro de outra... tão profunda, tão

à flor da pele, tão simples, tão bela”. E escreveu bem.

Próximo espetáculo

Adishatz / Adieu

Adeus

de Jonathan Capdevielle

© Alain Monot



Teatro Ter 20, qua 21 de setembro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 50 min · M12

Autorretrato formado a partir de uma coleção de êxitos de discoteca cantados *a cappella* e conversas imitadas, este é um documentário confessional entre a vida real e sonhada – sobre a adolescência, as raízes e a família.

Próximo espetáculo de música

Abdullah Ibrahim Solo



Jazz Sex 23 de setembro

Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6

O mestre continua a reinventar-se, com a serena sabedoria dos mais velhos. Um solo de música improvisada.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
